

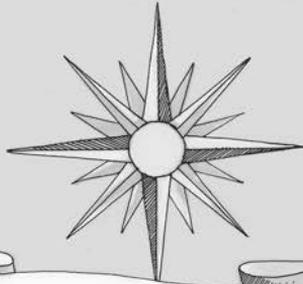
*E. LOCKHART*

*QUANDO ÉRAMOS  
MENTIROSOS*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ELSA T. S. VIEIRA*

ASA



*Beechwood Island*  
Massachusetts, EUA

← Porto de Martha's Vineyard

Doca dos empregados

Casa dos barcos

Casa dos empregados

Entrada do pessoal e vestíbulo



Caminho do perímetro

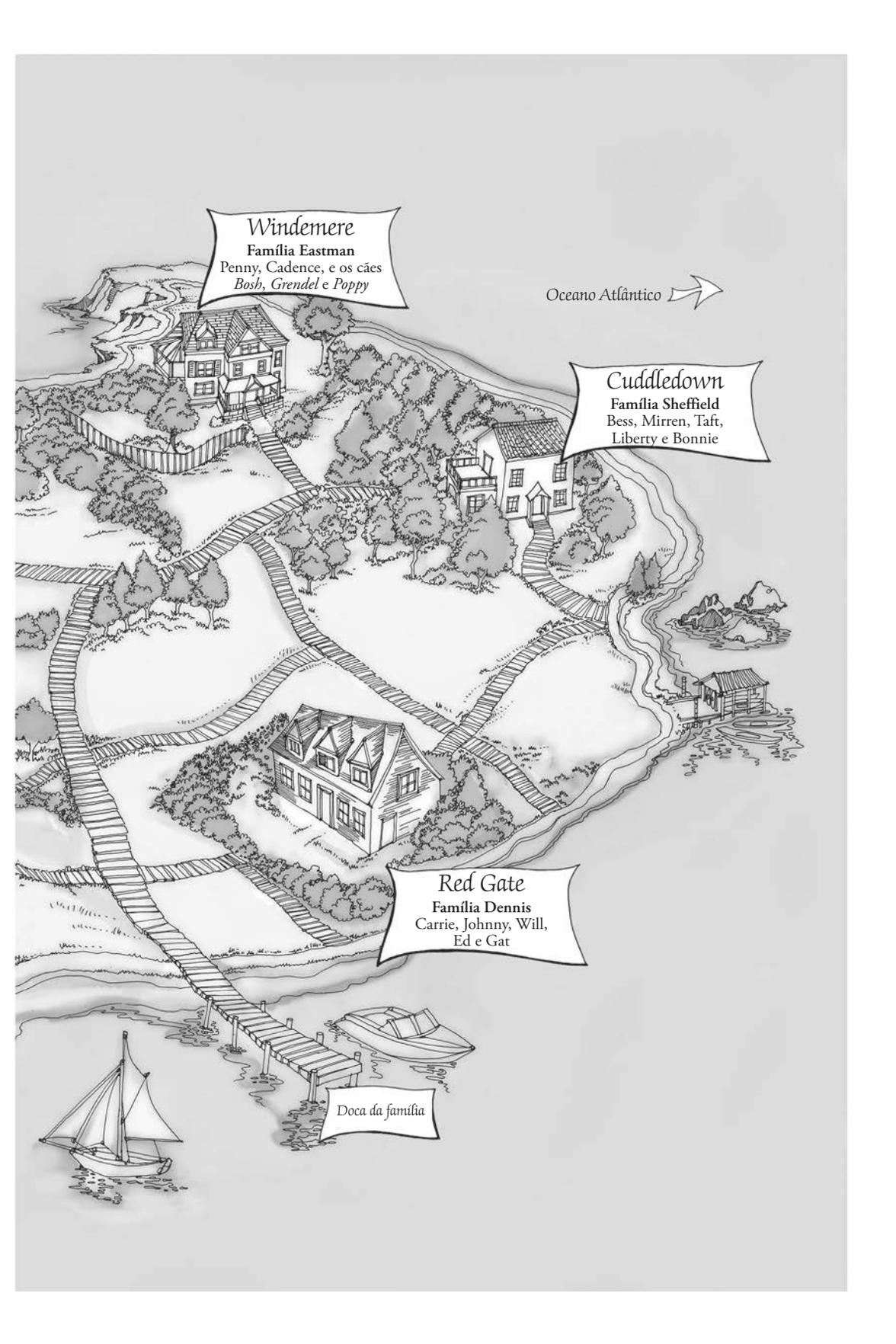


Caminho de madeira

*Clairmont*

Família Sinclair

Tipper, Harris, e os cães  
Prince Philip e Fatima



**Windemere**

Família Eastman  
Penny, Cadence, e os cães  
*Bosh, Grendel e Poppy*

Oceano Atlântico →

**Cuddledown**

Família Sheffield  
Bess, Mirren, Taft,  
Liberty e Bonnie

**Red Gate**

Família Dennis  
Carrie, Johnny, Will,  
Ed e Gat

Doca da família

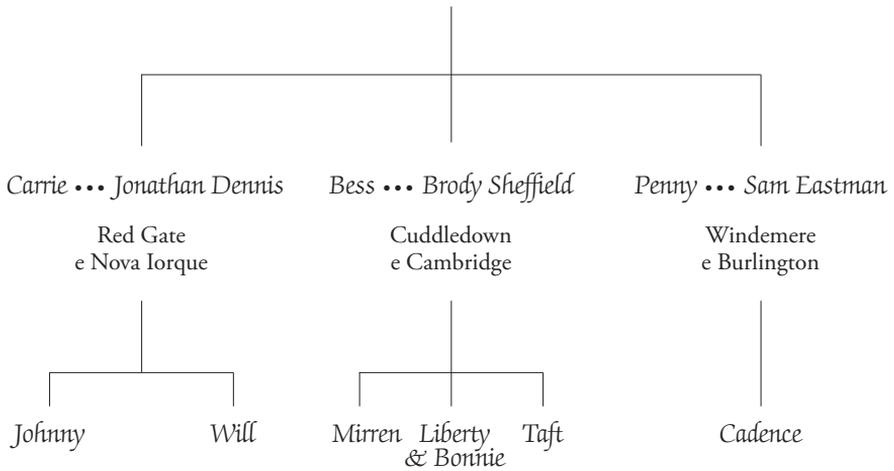


*Família Sinclair*



*Harris Sinclair & Tipper Taft*

Clairmont  
e Boston





*PARTE 1*

*Boas-vindas*



# 1

**B**em-vindos à bela família Sinclair.  
Ninguém é criminoso.

Ninguém é viciado em nada.

Ninguém é um fracasso.

Os Sinclair são atléticos, altos e atraentes. Somos Democratas, a nossa fortuna é antiga. Os nossos sorrisos são radiantes, os nossos queixos altivos e os nossos serviços no ténis agressivos.

Não importa se o divórcio dá cabo dos músculos dos nossos corações ao ponto de terem de se esforçar para bater. Não importa se o dinheiro do fundo monetário está a acabar-se; se as contas dos cartões de crédito ficam em cima do balcão da cozinha, por pagar. Não importa se há uma data de frascos de comprimidos na mesa de cabeceira.

Não importa se um de nós está desesperadamente, desesperadamente apaixonado.

Tão

apaixonado

que é preciso tomar  
medidas igualmente desesperadas.  
Somos os Sinclair.  
Ninguém é carente.  
Ninguém está errado.  
Vivemos, pelo menos no verão, numa ilha privada ao  
largo da costa do Massachusetts.  
Talvez isso seja tudo o que precisam de saber.

**O** meu nome completo é Cadence Sinclair Eastman. Vivo em Burlington, Vermont, com a minha mãe e três cães.

Tenho quase dezoito anos.

Possuo um cartão de biblioteca muito usado e pouco mais, embora seja verdade que vivo numa casa grandiosa cheia de objetos caros e inúteis.

Já fui loira, mas agora o meu cabelo é preto.

Já fui forte, mas agora sou fraca.

Já fui bonita, mas agora pareço doente.

É verdade que tenho de suportar as enxaquecas desde o meu acidente.

É verdade que não suporto idiotas.

Gosto de brincar com as palavras. Estão a ver? *Suportar* enxaquecas. Não *suportar* idiotas. Significa quase o mesmo do que na frase anterior, mas não exatamente.

Suportar.

Poder-se-ia dizer que significa aguentar, mas não é bem assim.

\*

A minha história começa antes do acidente. Em junho do verão dos meus quinze anos, o meu pai fugiu com uma mulher qualquer, que amava mais do que a nós.

O papá era um professor de História Militar medianamente bem sucedido. Nessa altura, eu adorava-o. Ele vestia casacos de fazenda. Era magro. Bebia chá com leite. Gostava de jogos de tabuleiro e deixava-me ganhar, gostava de barcos e ensinou-me a andar de caiaque, gostava de bicicletas, livros e museus de arte.

Nunca gostou de cães, e era uma prova do seu amor pela minha mãe que deixasse os nossos *golden retrievers* dormir nos sofás e todas as manhãs fizesse com eles uma caminhada de cinco quilómetros. Também nunca gostou dos meus avós, e era uma prova do seu amor por nós, por mim e pela minha mãe, que passasse todos os verões na casa Windemere em Beechwood Island, a escrever artigos sobre guerras travadas há muito tempo e a forçar um sorriso para a família a todas as refeições.

Nesse junho, verão quinze, o papá anunciou que nos ia deixar e partiu dois dias depois. Disse à minha mãe que não era um Sinclair e que não conseguia continuar a tentar sê-lo. Não conseguia sorrir, não conseguia mentir, não conseguia fazer parte dessa bela família naquelas bonitas casas.

Não conseguia. Não podia. Não queria.

Já tinha contratado as carrinhas de mudanças. Arrendara uma casa, também. O meu pai colocou uma última mala no banco de trás do *Mercedes* (ia deixar à mamã apenas o *Saab*) e ligou o motor.

Depois sacou de uma arma e deu-me um tiro no peito. Eu estava de pé no relvado e caí. O buraco da bala escancarou-se e o meu coração rebolou para fora do peito e caiu num canteiro de flores. O sangue jorrou ritmicamente da ferida aberta, depois dos meus olhos, dos meus ouvidos, da minha boca.

Sabia a sal e a fracasso. A vergonha escarlate de não ser amada ensopou a relva em frente da nossa casa, os tijolos do caminho, os degraus para o alpendre. O meu coração agitou-se entre as peónias como uma truta.

A mamã ralhou comigo. Disse-me para me controlar.

Porta-te normalmente, disse ela. Agora mesmo, disse ela.

Porque és normal. Porque consegues ser.

Não faças cenas, disse-me. Respira e senta-te direita.

Fiz o que me pedia.

Ela era tudo o que me restava.

A mamã e eu erguemos os nossos queixos altivos enquanto o carro do papá descia a colina. Depois entrámos e destruímos todos os presentes que ele nos tinha dado: joias, roupas, livros, tudo. Nos dias que se seguiram, livrámo-nos do sofá e das poltronas que os meus pais tinham comprado juntos. Deitámos fora as porcelanas do casamento, as pratas, as fotografias.

Comprámos mobílias novas. Contratámos um decorador. Encomendámos talheres da Tiffany's. Passámos um dia a percorrer galerias de arte e comprámos quadros para cobrir os espaços vazios nas paredes.

Pedimos aos advogados do avô para protegerem os bens da mamã.

Depois fizemos as malas e fomos para Beechwood Island.

Penny, Carrie e Bess são as filhas de Tipper e Harris Sinclair. Harris teve acesso ao seu fundo monetário aos vinte e um anos de idade, depois de Harvard, e fez crescer a fortuna em negócios que nunca me dei ao trabalho de compreender. Herdou casas e terras. Tomou decisões inteligentes na Bolsa. Casou com Tipper e manteve-a na cozinha e no jardim. Exibiu-a de pérolas e em veleiros. Ela parecia gostar.

O único fracasso do meu avô foi nunca ter tido um filho, mas não importa. As filhas Sinclair eram bronzeadas e abençoadas. Altas, alegres e ricas, essas raparigas eram como princesas num conto de fadas. Eram conhecidas em Boston, em Harvard e em Martha's Vineyard pelas suas camisolas de caxemira e festas espetaculares. Eram feitas para lendas. Feitas para príncipes e escolas da Ivy League, estátuas de mármore e casas majestosas.

O avô e Tipper amavam tanto as filhas que não sabiam de qual gostavam mais. Primeiro Carrie, depois Penny, depois Bess, depois Carrie outra vez. Houve casamentos vistosos com

salmão e harpistas, depois netos loiros e inteligentes e cães loiros e engraçados. Ninguém poderia estar mais orgulhoso das suas lindas raparigas americanas do que Tipper e Harris, nesse tempo.

Construíram três casas novas na sua ilha privada e escarpada e deram um nome a cada uma: Windemere para Penny, Red Gate para Carrie, Cuddledown para Bess.

Eu sou a mais velha dos netos Sinclair. Herdeira da ilha, da fortuna e das expectativas.

Bom, provavelmente.

**E**u, Johnny, Mirren e Gat. Gat, Mirren, Johnny e eu. A família chama-nos aos quatro os Mentirosos, e provavelmente merecemo-lo. Temos todos quase a mesma idade e todos fazemos anos no outono. Na maior parte dos anos, na ilha, arranjámos sarilhos.

Gat começou a vir para Beechwood no ano em que tínhamos oito. Verão oito, como lhe chamamos.

Antes disso, Mirren, Johnny e eu não éramos Mentirosos. Éramos apenas primos, e Johnny era um chato porque não gostava de brincar com as meninas.

Johnny é energia, esforço e ironia. Naquele tempo, costumava pendurar as nossas *Barbies* pelo pescoço ou disparar contra nós com armas feitas de *Lego*.

Mirren é açúcar, curiosidade e chuva. Naquele tempo, passava longas tardes com Taft e as gémeas, a chapinhar na praia grande, enquanto eu fazia desenhos em papel quadriculado e lia na rede no alpendre da casa Clairmont.

Depois Gat começou a vir passar os verões connosco.

O marido da tia Carrie deixou-a quando ela estava grávida de Will, o irmão de Johnny. Não sei o que aconteceu. A família nunca fala nisso. No verão oito, Will era bebê e Carrie já estava com Ed.

Este Ed era negociante de arte e adorava os miúdos. Foi tudo o que ouvimos sobre ele quando Carrie anunciou que o ia trazer para Beechwood, com Johnny e o bebê.

Foram os últimos a chegar, nesse verão, e estávamos quase todos na doca à espera que o barco atracasse. O avô pegou-me ao colo para eu acenar a Johnny, que vestia um colete salva-vidas cor de laranja e estava aos gritos na proa.

A avó Tipper estava connosco. Virou costas ao barco por um instante, enfiou a mão no bolso e tirou um rebuçado de hortelã-pimenta branco. Desembrulhou-o do papel e enfiou-mo na boca.

Quando olhou de novo para o barco, o rosto da avó mudou. Franzi os olhos para ver o que ela estava a ver.

Carrie desceu, com Will ao colo. Ele tinha um colete salva-vidas amarelo para bebê e não era mais, na verdade, do que uma madeixa de cabelo loiro, quase branco, espetado por cima do colete. Todos soltámos gritos de alegria ao vê-lo. Aquele colete, que todos tínhamos usado em bebês. O cabelo. Como era maravilhoso que este menino, que ainda não conhecíamos, fosse tão obviamente um Sinclair.

Johnny saltou do barco e atirou o seu colete para a doca. A primeira coisa que fez foi correr para Mirren e dar-lhe um pontapé. Depois deu-me um pontapé a mim. Um pontapé às gêmeas. Dirigiu-se aos nossos avós e endireitou-se.

– É tão bom ver-vos, avó e avô. Espero passar um verão muito feliz.

Tipper abraçou-o.

– Foi a tua mãe que te mandou dizer isso, não foi?

– Sim – respondeu Johnny. – E também tenho de dizer que é um prazer voltar a ver-vos.

– Lindo menino.

– Já posso ir?

Tipper beijou-lhe a bochecha sardenta.

– Vai lá.

Ed saiu a seguir a Johnny, depois de ajudar o pessoal a descarregar as bagagens do barco a motor. Era alto e magro, muito moreno: sangue indiano, viríamos a saber mais tarde. Tinha óculos de armações pretas e roupas elegantes e urbanas: um fato de linho e uma camisa às riscas. As calças estavam amarrotadas da viagem.

O avô pôs-me no chão.

A avó Tipper comprimiu os lábios. Depois mostrou os dentes e avançou.

– Deve ser o Ed. Que surpresa maravilhosa.

Ele apertou-lhe a mão.

– A Carrie não vos disse que eu também vinha?

– Claro que sim.

Ed olhou em volta, para a nossa família branca, tão branca. Virou-se para Carrie.

– Onde está o Gat?

Chamaram-no e ele saiu de dentro do barco, a despir o colete, de cabeça baixa para ver as fivelas.

– Mãe, pai – disse Carrie –, trouxemos o sobrinho do Ed para brincar com o Johnny. Este é o Gat Patil.

O avô deu uma palmadinha na cabeça de Gat.

– Olá, jovem.

– Olá.

– O pai dele faleceu este ano – explicou Carrie. – Ele e o Johnny são bons amigos. É uma grande ajuda para a irmã do Ed se ele ficar connosco umas semanas. Gat? Vamos fazer piqueniques e podes nadar, como falámos, está bem?

Mas Gat não respondeu. Estava a olhar para mim.

O nariz dele era dramático, a sua boca doce. Pele castanha, cabelo preto e ondulado. Corpo tenso de energia. Gat parecia uma mola prestes a saltar. Como se estivesse à procura de alguma coisa. Ele era contemplação e entusiasmo. Ambição e café forte. Eu podia ter ficado a olhar para ele para sempre.

Os nossos olhos encontraram-se.

Eu virei-me e fugi a correr.

Gat seguiu-me. Sentia os pés dele atrás de mim nos trilhos de madeira que cruzavam a ilha.

Continuei a correr. Ele continuou a seguir-me.

Johnny seguiu Gat. E Mirren seguiu Johnny.

Os adultos continuaram a conversar na doca, com passarinhos delicados à volta de Ed, derretidos com o bebé Will. Os pequeninos fizeram coisas de pequeninos.

Nós os quatro parámos de correr na praia pequena abaixo da casa Cuddledown. É uma pequena extensão de areia com rochas altas de ambos os lados. Ninguém a usava muito, naquele tempo. A praia grande tinha areia mais macia e menos algas.

Mirren descalçou-se e os restantes seguiram-lhe o exemplo. Atirámos pedras para a água. Existimos, simplesmente.

Eu escrevi os nossos nomes na areia.

Cadence, Mirren, Johnny e Gat.

Gat, Johnny, Mirren e Cadence.  
Esse foi o princípio de nós.

Johnny implorou para que Gat ficasse mais tempo.  
Conseguiu o que queria. No ano seguinte, implorou para  
que ele viesse passar o verão todo.

Gat veio.

Johnny era o primeiro neto. Os meus avós quase nunca  
diziam que não a Johnny.